

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA UNIVERSIDADE



EM ESTUDO SUBSIDIÁRIO PARA
O REGRESSO DA ESCOLA À FOR-
MULA HUMANÍSTICA

— TEMA GERAL DAS REUNIÕES DE ONTEM

Na verdade, os universitários católicos, no decorrer dos trabalhos da sua primeira reunião nacional, escolheram temas oportunos, indiscutivelmente da maior actualidade, nos quais se abordam os problemas interligados da Ciência e do espírito. Nos azeites gerados pela corrente do entusiasmo de paixões, no meio das correntes opostas em briga ideológica, os rapazes e raparigas portugueses, em vésperas de ocupar na vida lugares importantes, de acordo com seus méritos e cursos, pretendem afirmar que a Universidade, como escola de formação, não pode alhear-se do momento. Os estudantes de hoje e dirigentes de amanhã pretendem que a escola forme técnicos, na missão que lhe compete, e modele o entendimento em normas humanas e cristãs, essência da própria vida e couraça moral contra os perigos e ameaças que pairam sobre o Mundo. Este foi o princípio modelarmente exposto na tese de abertura do Congresso, ontem apresentada na primeira sessão plenária, a servir de linha mestra na execução dos restantes quatro trabalhos de fundo e inspiradora das dezenas de comunicações anunciadas.

A primeira cerimónia do dia 10 Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica — como acon-

(Continua na 4.ª página)

Fundação Cultural do Estado de São Paulo

O CONGRESSO DOS JUCISTAS

(Continuado da 1.ª página)

tecerá nos demais — constou de missa e comunhão geral, na Sé, celebrada pelo sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Milhene. Presentes todos os congressistas: mil e novecentos escolares das Faculdades e escolas superiores de Lisboa, Porto e Coimbra. Entre eles, viam-se outros fiéis. Pronunciou o prelado homilia dedicada em especial aos escolares. O Congresso da J. U. C. fazia-se sob o signo de Cristo. A hora era grande para aquela organização — disse — grande para a Igreja e grande para o País, pois não havia possibilidade de subsistir a realidade sem a estrutura espiritual. Esse foi o ponto versado na sessão solene de abertura, quando se marcou a necessidade do apostolado universitário e se indicaram as condições em que esse movimento se há-de promover: equilíbrio entre a formação científica e a formação religiosa, harmonia da vida intelectual e moral, e profundidade interior indispensável aos problemas do espírito.

Dirigindo-se objectivamente aos jucistas, o antistite afirmou-lhes que se deviam embrenhar em todos os ramos do saber, por força das circunstâncias presentes. Breve seriam chamados a resolver questões não colocadas na escola. Terão de o fazer segundo fórmulas sabidas e clássicas. Esses casos e esses problemas versarão a vida na sua complexidade; a solução para eles só estará na mão e na vontade dos que possuem cultura superior.

— Por isso — prosseguiu o sr. arcebispo de Milhene — importava estudar, enriquecer a mente com conhecimentos vastos e tanto quanto possível profundos. A formação religiosa acompanhará sempre a formação científica? Tempos houve em que o desenvolvimento especializado na técnica disto ou daquilo deixava a alma criança e causava profundo desequilíbrio.

Depois, com veemência:

— Rapazes e raparigas da J. U. C., continua a estudar os problemas do dogma, da moral, da apologetica e os dogmas, todos a uma luz cristã — a que esclarece o homem. Isto, mais do que devoção, constitui obrigação grave. Que a vossa actividade intelectual seja espelho da vossa vida religiosa. O Mundo olha para vós; sobre os vossos ombros, e por vossa intenção, está a responsabilidade da Igreja. Continual. Com Deus, o trabalho será mais fecundo.

A terminar:

— Deus manda semear, e não colher. Praticai a oração. Lembrem-se de que a dor é a oração heroica da vida. Jucistas, nenhum de vós deixará o Mundo tal como o encontrou mas sempre mais rico ou mais pobre. Al de vós se o deixardes mais pobre. Por Cristo, havemos de deixá-lo mais rico!

Pouco depois, e ainda sob a impressão de conceitos tão modelares, abeiraram-se da sagrada mesa novecentos estudantes, aos quais foi ministrada a comunhão pelo celebrante e por mais quatro sacerdotes.

Na primeira sessão plenária foi apresentada a tese fundamental do congresso — «Origem e evolução da Universidade» — da autoria do prof. eng. Guilherme Braga da Cruz

Como acontecera na véspera, encheu-se por completo a vasta sala de máquinas do Instituto Superior Técnico. All se efectuou a primeira sessão plenária, com a presença dos srs. arcebispo-bispo de Coimbra, bispo do Porto, mestres das três Universidades e todos os congressistas. Presidiu o sr. prof. Gomes da Silva, da Faculdade de Direito de Lisboa. Na mesa tomaram lugar o prof. Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras; os revs. padres srs. António Reis Rodrigues e Domingos Vaz, respectivamente, assistente de cursos da J. U. C. masculina e feminina; e Maria de Lourdes Pintassilgo, Maria Hígina Neves da Silva e Manuel Paulo Marques, da comissão executiva do congresso.

Por impedimento do sr. prof. Guilherme Braga da Cruz, da Faculdade de Direito de Coimbra, a tese fundamental da reunião — «Origem e evolução da Universidade» — foi lida pelo seu confrade Pires Cardoso. Trabalho cuidadoso, notório pela sobriedade, muito bem ordenado na exposição do assunto e das ideias do seu conteúdo. Depois de fazer referência às causas que contribuíram para a formação da Universidade, desde os diferentes tipos até à completa autonomia medieval (séculos XII e XIII), o autor apontou as primeiras manifestações do declínio da sua autonomia (séculos XIV e XV) e citou os meios pelos quais a reforma protestante aproveitou a instituição em seu benefício, transformando-a em organismo estadual. Veio depois a Universidade católica, ao serviço da contra-reforma, até que se verificou, mais tarde, o ensino superior ao serviço do Estado, segundo da crise proveniente dos princípios da revolução francesa, com a supressão da parte do ensino ligado às coisas do espírito e o desenvolvimento do aprendizado técnico.

Quanto aos fins da Universidade ao longo da história, o mestre de Coimbra escreveu largo e bem documentado relato, após o que enunciou as missões da instituição na Idade Média, desde a Renascença e desde o século XVIII. E registou como essa escola, ou grupo de escolas, desempenhou a missão social de colocar a cultura superior ao alcance de todos os homens, e a de servir a verdade e impedir a difusão do erro. Nas conclusões da tese, afirmava-se que a Universidade tem de regressar ao objectivo de cuidar do espírito, mesmo com prejuízo parcial do ensino técnico. Por isso, e também porque a origem da escola esteve na Igreja, resta à Universidade enveredar pelos princípios fundamentais da instituição: nos caminhos da verdade, que são os caminhos de Cristo e da Vida.

Em seguida, foram apresentadas duas comunicações em assuntos afins ao da tese determinante dos «Colégios Maiores espanhóis», do dr. João Evangelista Loureiro, e a outra «História e teoria da ciência», do estudante Manuel José Cortes Rosa. Ambas interessaram vivamente o auditório.

A segunda tese, sobre «Fins da Universidade», foi apresentada de tarde pelo prof. eng. Correia de Barros

A sessão da tarde prestou o sr. prof. Fernando Magano, da Faculdade de Medicina do Porto, e a mesa ficou constituída pelas mesmas personalidades da manhã, excepto o relator, que passou a ser o sr. prof. eng. Manuel Correia de Barros, director da Faculdade de Engenharia do Porto. Na assistência, além dos dois prelados antes citados, viam-se os srs. arcebispo de Milhene e

prof. Gonçalves Rodrigues, comissário nacional da M. P.

Ao abrir os trabalhos, o presidente fez a apresentação do relator, em termos altamente elogiosos. Antes de apresentar o seu trabalho o sr. prof. eng. Correia de Barros aludiu aos jucistas, para afirmar que estes, com o seu Congresso, deram aos mestres uma verdadeira lição de unidade, iniciativa, disciplina e maturidade moral e religiosa. Depois entrando no assunto a seu cargo, disse que, na realidade, todos estão de acordo em que a Universidade tem por missão essencial a formação dum escol. E quase todos admitem, como sua função integrante, e de promover o progresso da ciência. Mas não basta saber que se quer formar um escol; é preciso dizer de que espécie de núcleo se trata, e qual o objectivo para o qual se quer formá-lo. Uma e outra coisa pendem do conceito que se forme da Universidade.

O director da Faculdade de Engenharia do Porto especificou:

— Os diferentes conceitos do que seja uma Universidade podem reduzir-se a quatro: o corporativo, o humanístico, o estatista ou totalitário e o profissional ou técnico. Segundo o conceito humanístico da Universidade, esta tem por função criar um escol de homens de carácter. Interessa menos o que ensina do que as personalidades que forma. O ponto fraco é que não cabem as profissões liberais. O estatista, levado ao extremo, como conceito totalitário, é hoje o que vigora nos países onde o Estado despótico subordina toda a nação a uma ideologia e procura servidores ao mesmo tempo competentes, dóceis e fanáticos. O escol que a Universidade deve formar é o das categorias mais elevadas desses servidores. Os seus inconvenientes estão bem à vista.

No conceito técnico, o que interessa não é o homem, mas o profissional. O escol que a Universidade deve formar é de médicos, engenheiros, etc. Esta maneira de ver traduz-se pelo desprezo da cultura e da formação da mentalidade e do carácter, em benefício de simples aprendizagem profissional.

O conceito corporativo é o primitivo e sempre o mais autêntico. Nasceu com a Universidade e, como esta, não proveio de uma ideia preconcebida, mas do desenvolvimento natural das instituições. No período mais fecundo de Idade-Média, as escolas claustrais encontraram ambiente para tomarem contacto com a vida civil. Daí nasceram as primeiras universidades, que, conforme os princípios da época, tomaram a forma de federação dos elementos que as constituíam — de corporação — e esta exprimiu pelo nome o espírito que a animava: «Universitas magistrorum et scholarium», Universidade de mestres e alunos.

A terminar, disse:

«Em Portugal, o conceito dominante é o técnico. Nem o conceito humanístico, nem o corporativo encontram ambiente. O conceito estatista também não. Mas muitos sintomas permitem esperar que vamos assistir a um ressurgimento do conceito corporativo. Para se realizar qualquer obra no domínio do espírito, é necessário que o terreno esteja preparado. Se fosse publicada subitamente uma reforma perfeita das Universidades, segundo o conceito corporativo, seria muito difícil, neste momento, dar-lhe plena execução, por falta de ambiente. Este somos nós que temos de o criar.»

Comunicações apresentadas por estudantes

No prosseguimento dos trabalhos, já sob a presidência do ultimo orador, foram lidos os resumos e conclusões das seguintes comunicações:

«A investigação científica na vida universitária», de Manuel Neves e Castro, aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa; «A formação intelectual e a expansão da especialidade», apresentada por uma equipa de alunos do 2.º ano do curso de Romanicas, da Faculdade de Letras de Lisboa; «Meios práticos de realizar a síntese cultural na Universidade», de Ramiro Lima Monteiro, da Faculdade de Ciências de Lisboa; «História e teoria da ciência», de Cortés Rosa e Carlos Martins Portas, alunos liceais, respectivamente de Letras e Ciências; «A acção da mulher universitária na formação da personalidade intelectual feminina», de Celinda Rosa Esteves Lourenço, da Faculdade de Medicina de Lisboa; «Alguns aspectos da introdução de cadeiras de cultura geral nos estudos universitários», de Manuel Franco de Queirós, do Instituto Superior de Aeronómia; «A preparação e o estado actual dos universitários», de Maria Adelaide da Cruz Carrilho, da Faculdade de Letras de Coimbra; «Problemas culturais-ideológicos do universitário», de Maria da Graça Varela Old e Manuel Temudo, respectivamente da Faculdade de Letras e do Instituto Superior de Aeronómia de Lisboa; «Cultura e profissão», de Maria da Conceição Taxares da Silva, da Faculdade de Direito de Coimbra; «Universidade, escola de profissionais», de Efigénia Vileca Delgado, da Faculdade de Medicina de Coimbra; «Contribuição para o estudo das possibilidades de investigação na Universidade portuguesa», por José Keating, da Faculdade de Medicina de Coimbra; «O problema das licenciaturas», de Aurora de Oliveira Fonseca, da Faculdade de Direito de Lisboa; «Tentativa de crítica ao plano de estudos da licenciatura em Ciências Físico-Químicas», de Elina de Oteio Falcão Neves, da Faculdade de Ciências de Lisboa; «A cultura e a mulher — Sua influencia recíproca», de Maria Clotilde Teixeira Rocha, da Faculdade de Letras de Coimbra, e «A necessidade de especialização do ensino e a formação da personalidade intelectual», de autores não registados.

Mais três comunicações, uma das quais apresentada pelo delegado espanhol prof. D. Isidoro Martinez y Martinez

Mais uma vez a assembleia de estudantes católicos ouviu falar dos Colegios Maiores de Espanha, através da comunicação apresentada pelo delegado dos universitários madrilenos, prof. D. Isidoro Martinez y Martinez. Essas escolas e suas funções, o sentido social de que se reveste o ensino por elas ministrado, quanto a formação religiosa, aspecto político, académico, artístico e desportivo, foram tratados proficentemente pelo ilustre mestre do Colegio de S. Pablo, de Madrid.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Francisco Pereira de Moura, assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, que tratou de «Universidade e a formação cultural». No seu entender, a renovação nas escolas, mais do que por legislação, sempre demorada, deve partir de iniciativas pessoais. Estava indicado, disse na conclusão do seu trabalho, a efectivação de cursos livres por professores escolhidos, a que pudessem assistir alunos de todas as Faculdades.

A ultima comunicação esteve a cargo do estudante José Manuel Antelo, do Instituto Superior Técnico, e versou «Panorama de investigação científica na Universidade portuguesa actual». Defendeu o critério de que o regime de seminários de estudo (equipas) se reconheça como essencial para a descoberta de vocações científicas de investigadores e que seja estabelecida e equilibrada entre o trabalho destes grupos e a frequência de certas cadeiras.

Os trabalhos apresentados mereceram palavras de louvor ao presidente.

O que há hoje

A's 9 horas, na igreja de S. João de Deus, missa e comunhão geral, sendo celebrante o sr. bispo do Porto.

A's 11, no Instituto Superior Técnico, reuniões parciais: organizações universitárias de estudantes; condição economico-social dos estudantes; problemas religiosos e morais dos estudantes; o universitário e os problemas de estudo; problemas de vocação e preparação profissionais.

A's 15.30, no Instituto Superior Técnico, 3.ª reunião plenária: «Vida institucional da Universidade», sendo relator o prof. Inocencio Galvão Teles, da Faculdade de Direito de Lisboa. Preside o prof. José Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

A's 18.30, no Cinema Imperio, primeira exibição em Portugal do filme «Journal d'un curé de campagne».

Diário de Notícias - 17-IV



Fundação Cuidar o Futuro